

BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS

DIRECTOR: MANUEL ALVES DE OLIVEIRA

PUBLICAÇÃO DO
ARQUIVO MUNICIPAL ALFREDO PIMENTA

VOL. XXX

1979

Oração a Guimarães *

Inclino-me diante da grandeza histórica de Guimarães. Vendo-lhe as muralhas velhas de nove séculos, respirando o ar antigo em que a primavera do Minho deixou a doçura e a beleza das manhãs claras, a serenidade e o colorido das tardes saudosas, ouvindo os veneráveis rumores do passado que sobem de suas ruas nostálgicas e de suas pedras remotas — sentimos que há nesta paisagem a solenidade religiosa do princípio, que paira nestes ilustres espaços o espírito, que dorme nestas terras de pão e vinho a tradição, que foi aqui, à sombra da cruz românica, sob o sol quente de Junho, acalentado pelo amor do seu povo, no regaço trigueiro da Raça e no limiar longínquo dos tempos — que nasceu Portugal.

Não estamos diante de monumentos sepultados no esquecimento dos homens; contemplamos os testemunhos de sua memória. São como altares imperecíveis de sua fé, em torno de cujos círios se reúnem interrogativamente os devotos, para a liturgia silenciosa do culto mais coerente e obstinado em terras honradamente livres, para as celebrações pontuais da recordação e da esperança, unidas, ao redor das mesmas relíquias, as gerações que orgulhosamente as guardaram: — o patriotismo indomável. É o privilégio das cidades que foram o berço

(*) Proferida na Sessão Solene inaugural do «Congresso Histórico sobre Guimarães e a sua Colegiada» no dia 19 de Junho de 1979.

das nações, esse retorno clássico às origens, essa interminável submissão aos heróis que as libertaram, essa atitude de obediência respeitosa às regras e aos conselhos que, do alto das crônicas, dizem austeramente ao futuro. Não temem as mudanças, porque é do ferro das armas a sua estrutura moral. Zombam da versatilidade das modas na sua nobreza nativa. Têm na compostura e no gênio a intransigência plácida do camponês que não se despreza de sua geira, não abandona a sua seara, não deserta o chão herdado e querido. Depois de o fertilizar com o trabalho, abençoa-o com a oração. Protege-lhe a integridade com a lei e a crença. Uma lhe dá o direito, a outra lhe dá a força. Com a graça de Deus — a terra é sua.

Assim diremos de Guimarães.

Ainda não se tinham aquietado as águas do dilúvio ocidental, misturado germânicos e celtas, árabes e lusitanos, invasores e vencidos nos moldes visigóticos da população medieval, e já nestas paragens se entranchava o carácter português. Antes de tantos outros Estados europeus, naquela época mergulhados ainda na catástrofe latina, aqui se formou a monarquia de espada em punho, pendão alcançado, vista larga e coração católico.

Não a improvisou a aventura; fez-se com método e paciência. Entre o senso político do conde D. Henrique e o desassombro jovem do «dux portugalensium», que lhe continuou a obra, sucedem-se os episódios que sistematizam a escalada. São como os degraus do trono em que se coroou a independência. Uma batalha decidiu-a, a de São Mamede, em Junho de 1128. Uma bula proclamou-a, a de Alexandre III, em Junho de 1179. A bravura dos cavaleiros ganha com a astúcia e o acerto dos estadistas a campanha maravilhosa — que institui o Poder e conquista o território. Por que em Ourique o Rei Afonso Henriques pinta no escudo branco as quinas triunfantes? A resposta salta-nos da veemência dos factos, da entrosagem dos sucessos e dos sentimentos de que se tece a tapeçaria aurifulgente da nacionalidade, disso que apelidamos, sem exagero, de alma generosa das vilas e dos campos, adivinhando-a, reconhecendo-a, aplandido-a na concordância sonora das vozes: antes e acima dos personagens que irrompem da lenda com o gesto mitológico, para além dos infanções que tramam e dos legistas que consagram a autonomia do condado,

fora da óptica da epopeia mas efectivamente a sua base; — a vontade popular.

A libertação não se processou magicamente, como uma dávida; impôs-se logicamente, como uma decisão. As figuras excelsas firmam-se no voto aldeão. A atmosfera da lealdade colectiva envolve o moço príncipe e o aio impecável, Egas Moniz. Não fogem à previsão, porque cumprem a promessa. Havia nesse coro de augúrios a obsessão da autonomia, o sentido profético da emancipação, o juramento cívico: harmonizavam-se as classes em face da guerra bendita; velhos e rapazes se aliavam para vencê-la. Leia-se o que na crónica do primeiro Rei ensina o historiador severo. Que derrotado voltava a Guimarães o Infante — tinha 19 anos! — quando lhe saiu ao encontro o tutor, esbravejando, que fizera mal em se bater sem ele. E ordenou, reunisse a tropa debandada e voltassem juntos para o campo de São Mamede. Isto fez D. Afonso; e ajudado de Egas Moniz desbaratou as hostes do conde de Trava — levantando na ponta da lança, como um troféu da vitória, o título de «rex». Assim se cimentou o Reino — e sem pressa, na calma evolução dos acontecimentos, criou a administração, longe levou as fronteiras, tornou-se nacional e soberano, até merecer do Papa — «manifestii probatum» — a legitimação infalível. Pergunta-se: quem o inventou, quem o architectou, quem o estabeleceu? Na sua multiplicidade de fisionomias e de sacrifícios — a cavalo ou a pé, rezando nos claustros ou mourejando nas lavouras, de armas reluzentes ou utensílios humildes, gritando ou murmurando, na boca da cena ou escondido nos seus mistérios, eloquente como os cónegos ou lírico como os poetas, raivoso ou enternecido, na modéstia em que se apagam os pequeninos ou no esplendor em que se destacam os patriarcas, inconfundível, autêntico, ele só — Portugal!

Recolhe-se ao castelo de Guimarães a imagem da hora primeira: é o ostensório que exhibe, sobre as ameias milenares, a heróica infância da nossa gente. É justo que voltem periodicamente os portugueses a essa manjedoura do Reino dos avós. Nem apenas da Europa. Portugueses de todas as comunidades que na mesma língua falam de sua ascendência inesquecível. Os netos dos gloriosos antepassados. Somos estes também — os brasileiros. Daqui foram os inclitos navegantes plantar nos trópicos a «fé e o império». Provimos do seu sangue e

de sua cultura. Representamos no milagre do crescimento — 120 milhões! — a fartura do tempo — 850 anos! Ampliamos em proporções colossais a pátria da nossa pátria: demos-lhe em português altissonante a dimensão formidável do «império» que a «fé» imortalizou. Trago de sua brasilidade mestiça e ambiciosa a homenagem filial às fontes de sua unidade; sou agora o intérprete audaz de sua fidelidade a si mesma, tributando a este santo pedaço da terra portuguesa a homenagem dos que têm nela a raiz e o nome, descendentes dos que fizeram a independência e universalizaram Portugal. Para reafirmar as razões da lusitanidade que se fez de geografia e história; e citando Camões, confirmar a nossa gratidão aos grandes homens de outrora, descobrindo nas suas virtudes rústicas a predestinação dos desbravadores e dos missionários.

Que, em verdade, aqui se situam as nascentes da civilização brasileira!

Pedro Calmon